

Contos







# MACHADO DE ASSIS

## Contos

Seleção de

**Deomira Stefani**

Apresentação de

**Flávio Aguiar**

**gerente editorial** Claudia Morales  
**editor** Fabricio Waltrick  
**editora assistente** Malu Rangel  
**diagramadora** Thatiana Kalaes  
**redação** Fabio Cesar Alves  
**coordenadora de revisão** Ivany Picasso Batista  
**revisão** Cláudia Cantarin, Bárbara Borges  
**colaboração** Fabiane Zorn  
**projeto gráfico** Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez  
**coordenadora de arte** Soraia Scarpa  
**editoração eletrônica** Acqua Estúdio Gráfico  
**pesquisa iconográfica** Evelyn Torrecilla e Carlos Luvizari

**imagem da capa** Poca III, 2006, obra de Daniel Senise

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

A866c  
28. ed.

Assis, Machado, 1839-1908  
Contos / Machado de Assis. 28.ed. – São Paulo: Ática, 2011  
160p. - (Bom Livro)

Anexos  
ISBN 978-85-08-14563-8

1. Conto brasileiro. I. Título. II. Série.

11-6879.

CDD 869.93  
CDU 821.134.3(81)-3

ISBN 978 85 08 14563-8 (aluno)  
ISBN 978 85 08 12698-9 (professor)  
Código da obra CL 737817

2014  
28ª edição  
2ª impressão  
Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática | 1995  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 | CEP 02909-900 | São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 | atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

Murmúrios no espelho 9

Almas agradecidas 15

I 15

II 18

III 21

IV 24

V 27

VI 30

VII 34

Conto de escola 37

Cantiga de esponsais 45

Longe dos olhos... 49

I 49

II 52

III 56

IV 59

Carolina 65

O caso da vara 71

Felicidade pelo casamento 79

I 79

II 84

III 88

IV 92

V 97

VI 99

VII 101

VIII 103

Um apólogo 105

A cartomante 107

Missa do galo 115

Vida & obra 123

Resumo biográfico 149

Obras do autor 151

Obra da capa 155





Flávio Aguiar

Professor da Universidade de São Paulo (USP), doutor em teoria literária e literatura comparada pela mesma instituição e pós-doutor pela Université de Montréal, Canadá.

Não tenho a intenção de analisar O conto de Machado de Assis. Pretendo apenas levantar, a partir dos contos desta antologia, alguns pontos de interesse para sua compreensão, discussão e crítica.

Um pensador húngaro chamado Georg Lukács disse no seu livro *A teoria do romance* que o romance é a história de um herói insatisfeito, que busca valores autênticos num mundo degradado (quer dizer, roto, descolado, malfeito). Esse gênero — o romance — seria uma das grandes representações do nosso tempo e de alguns debates e pontos controversos de sua cultura, como o de que maneira conciliar a manutenção de uma sociedade que nem sempre representa os verdadeiros interesses da maioria, com anseios e promessas de liberdade e felicidade para todos.

Esse mundo “degradado” enfrenta diariamente o problema de ter ou não sentido, de ser ou não absurdo, sem nexos. Guerras, poluição desnecessária, enchentes repetitivas e sem remédio, massacres e miséria são coisas que fazem a gente se perguntar se esse mundo “tem sentido”, se ele “tem jeito”, se tudo isso não é um “absurdo”. Se levarmos adiante essa pergunta, e se chegarmos a perguntar, a certa altura, se esse mundo tem razão de ser assim como está, então estaremos nos aproximando dos problemas que vive e/ou se questiona um verdadeiro herói romanesco, isto é, de romance. Não confunda aqui romance com o sentido de “namorico”, ou de “estória com água e açúcar” que normalmente acompanha essa palavra e que designa estorieta pobres e limitadas em que, com duas penadas, um caso amoroso deixa tudo cor-de-rosa e arranjadinho no lugar. Romance, literatura, são discussões sérias (ainda que nelas entre o riso) sobre a sociedade, sua história, seus destinos. Você poderá debater melhor este ponto com seu professor, ou amigo, ou consigo mesmo. O mundo é absurdo e é muito difícil tirar algum sentido dele: eis uma conclusão lógica de um romance, se feito e lido em profundidade.

O romance procura representar o mundo como um todo: persegue a espinha dorsal e o conjunto da sociedade. O conto é a representação de uma pequena parte desse conjunto. Mas não de qualquer parte, e sim daquela especial de que se pode tirar algum sentido (alguma “lição”, se preferir), seja ele positivo, negativo, não importa. Aqui, deve-se tomar algum cuidado: o fato de a gente tirar uma “lição” (ou perceber um sentido) não significa que o personagem também a deva ter na mente. Veja lá o início do conto “Missa do galo”: “Nunca pude entender a conversação que tive com uma senhora [...]”. O personagem pode permanecer em sua ingenuidade; nós é que não podemos. E ao narrador cabe estabelecer pontes entre a ingenuidade do personagem e os pensamentos mais complexos do leitor. A essa relação de diferentes níveis de conhecimento, entre personagem-narrador-leitor, se chama de *ironia*; ela consiste, basicamente, no fato de que o narrador — e leitor — sabem mais do que o personagem sobre a situação deste último, e podem, por isso, mesmo que veladamente (no caso do narrador), criticar suas opções e valores. Na ironia está uma das vigas mestras da arte de escrever contos, ressaltada pela urgência do pouco espaço e pela necessidade de que dali o leitor retire algum significado, alguma impressão mais duradoura, sem comprometer a naturalidade dos personagens e sem que o narrador se ponha a dar discursos pedagógicos que o tornariam chato e intrometido. Toda a arte e engenho de Machado está em tornar natural essa ironia, embora presente a cada parágrafo, frase, palavra. A gente a percebe como uma presença tênue e quase invisível: é mais uma companheira de viagem, silenciosa e discreta.

Nos melhores contos desta antologia (“Missa do galo”, “Cantiga de esponsais”, “A cartomante”, “Almas agradecidas”, por exemplo) permanece sempre a sensação (paralela a da nossa companheira de viagem, a ironia) de que a vida é algo escorregadio, uma charada indecifrável, fora do controle dos personagens, e que um tanto cinicamente ri deles e de suas lutas desarmadas por uma felicidade mesquinha — que pode ser uma moeda, algumas poucas notas, uma amante ciumenta, coisas assim. Isso é verdade mesmo para os personagens que parecem se adaptar (quando não executar) inteiramente a este cinismo, como é o Magalhães de “Almas agradecidas”, que rouba quase tudo o que o amigo tem. Mas lhe falta, no fim, a verdade mais profunda desse amigo, que no fundo é a sua também: a amizade. O mundo de Machado é habitado por personagens terrivelmente solitários. E infelizes. A felicidade, para eles, pode chegar a ser, no máximo, o engano de julgarem que são felizes. Isso nos contos em

que o escritor enfrenta, de face, o problema de representar o seu tempo, e a sua sociedade. Porque há aqueles, como o “Felicidade pelo casamento”, que, embora de trama interessante, resvalam perigosamente para o açucarado a que antes me referia.

Mas a solidão e a infelicidade, e a ironia que as revelam, não ficam explícitas nos contos: leves toques, compostos com cuidado e delicadeza, é que nos propõem um contato com essa face mais dura da realidade e que é sua espinha dorsal: a infelicidade é geral, é social, e é organizada.

Por que organizada? Vejamos: a todos os personagens de Machado *falta dizer alguma coisa*. Os amigos de “Almas agradecidas” jamais tocam no fundamental; o músico da “Cantiga de esponsais” não termina sua música; o jovem da “Missa do galo” não esboça o gesto, não diz a palavra, não comete o carinho que seriam necessários; o apaixonado de “A cartomante” sente muita dificuldade em discernir, entender, expressar os sentimentos contraditórios que lhe vão na alma. Quer dizer: a linguagem de que eles dispõem não lhes serve para dizer aquilo que é importante, as verdadeiras paixões, as verdades nuas, a nudez da alma. Ora, a linguagem é um fato social. E este é um mundo de convenções proeminentes e de revelações abafadas. A linguagem de que esses personagens dispõem é algo que está muito “acima” da realidade. Quando, consumado o roubo maior nas “Almas agradecidas”, um amigo diz para o outro que será sempre e eternamente o mesmo amigo, ele não está apenas seguindo, mas vivendo e *dando vida* a um conjunto de convenções sufocantes, a saber, a de que as pessoas sempre falam a verdade a seu respeito, a da etiqueta, a do bom-tom, a de que as pessoas não são seres complexos, cheios de quartos escuros e passagens pouco alumadas por dentro, etc., etc., etc. O que vem antes desse momento, nas próprias palavras do conto, é “um longo silêncio entre os dois amigos”. Fora da convenção, há o silêncio, o inexprimível. Como numa sábia gangorra, Machado oscila perenemente entre esse terror dos silêncios espaçados e o mundo das convenções organizadas (e por elas organizado), que no fundo, com alguns retoques aqui, outros ali, é o nosso mesmo.

Mas a ironia maior de Machado é a de nos incluir neste seu mundo de profundas convulsões interiores que aparecem timidamente na calma superfície que, convencionalmente, nos parece ser a vida. Os silêncios são terríveis: as histórias escondem um segredo qualquer, uma palavra ou gesto que é impossível precisar qual seja, mas que, sabemos, quebraria o encanto, espatifaria o espelho das convenções e poria os personagens ao lado de sua própria realidade. Talvez esta seja a “lição” (ou o sentido)

mais contundente de Machado: o silêncio que há no meio das falsidades, das frases vazias e sonoras, desse mundo oco e inautêntico de escravidão e pancadas onde vivem seus personagens.

No fundo da calma superfície da despreocupação aparente, esconde-se o aguilhão de uma lucidez desesperada.

A rectangular frame with a light gray background and a thin black border. The word "Contos" is centered within the frame in a bold, black, serif font. Small square markers are located at each of the four corners of the frame.

**Contos**



# Almas agradecidas\*

Havia representação no Ginásio. A peça da moda era então a célebre *Dama das camélias*<sup>1</sup>. A casa estava cheia. No fim do quarto ato começou a chover um pouco; do meio do quinto ato em diante, a chuva redobrou de violência.

Quando acabou o espetáculo, cada família entrou no seu carro; as poucas que não tinham esperavam uma estiada, e, mediante os guarda-chuvas, lá saíram com as saias arregaçadas.

..... aos olhos dando,  
O que às mãos cobiçosas vão negando.<sup>2</sup>

Os homens abriam os seus guarda-chuvas; outros chamavam tílburis<sup>3</sup>; e pouco a pouco se foi despejando o saguão, até que só ficaram dois rapazes, um dos quais abotoara até o pescoço o paletó, e esperava maior estiada para sair, porque além de não ter guarda-chuva, não via nenhum tílburis no horizonte.

---

\* Publicado no *Jornal das Famílias*, em 1871. (N.E.)

1 **Ginásio**: Teatro Ginásio Dramático do Rio de Janeiro, criado em 1855 e onde se encenavam as peças realistas do período, de tese e debate de ideias; **Dama das camélias**: nome de uma peça realista do teatrólogo francês Alexandre Dumas Filho (1824-1895), representada com muito sucesso e polêmica no Brasil, em meados da década de 1850. Sua ação gira em torno de uma cortesã que se redime através da morte, da renúncia pessoal e do amor. A trama encontra ecos no romance *Lucíola* (1862), do escritor romântico José de Alencar (1829-1877). (N.E.)

2 ... **aos olhos dando, / O que às mãos cobiçosas vão negando**: trecho do Canto IX de *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões (c. 1524-1580), o mais importante poema épico da literatura portuguesa. Vênus, a deusa do amor, oferece aos navegadores uma ilha paradisíaca repleta de ninfas, as quais deliberadamente se deixam capturar pelos portugueses, enquanto fingem deles correr. No conto, as damas que saíam do teatro eram como as ninfas de Vênus, ou seja, cheias de malícia, embora preservassem uma falsa compostura. (N.E.)

3 **tílburis**: carro simples, de duas rodas e dois assentos, puxado por um só cavalo. (N.E.)

O outro também abotoara o paletó, mas tinha guarda-chuva; não parecia, entretanto, disposto a abri-lo. Olhava de esguelha para o primeiro, que fumava tranquilamente um charuto.

Já o porteiro havia fechado as duas portas laterais e ia fazer o mesmo à porta central, quando o rapaz do guarda-chuva dirigiu ao outro estas palavras:

— Para que lado vai?

O interpelado compreendeu que o companheiro lhe ia oferecer abrigo e respondeu, com palavras de agradecimento, que morava na Glória.

— É muito longe, disse ele, para aceitar o abrigo que naturalmente me quer oferecer. Eu esperarei aqui um tílbur.

— Mas a porta vai fechar-se, observou o outro.

— Não importa, esperarei do lado de fora.

— Não é possível, insistiu o primeiro; a chuva ainda está forte e pode aumentar mais. Não lhe ofereço abrigo até casa porque moro na Prainha, que é justamente do lado oposto; mas posso cobri-lo até ao Rocio, onde encontraremos um tílbur.

— É verdade, respondeu o rapaz que não tinha guarda-chuva; não me havia ocorrido isto, aceito com prazer.

Sáíram os dois rapazes e foram até ao Rocio. Nem sombra de tílbur ou caleça<sup>4</sup>.

— Não admira, disse o rapaz do guarda-chuva; foram todos com gente do teatro. Daqui a pouco haverá algum de volta...

— Mas eu não quisera dar-lhe o incômodo de o reter mais tempo aqui à chuva.

— Cinco ou dez minutos, talvez; esperaremos.

A chuva veio contrariar estes bons desejos do rapaz, caindo com furor. Mas o desejo de servir tem mil maneiras de se manifestar. O rapaz do guarda-chuva propôs um meio excelente de escapar à chuva e esperar condução: era ir tomar chá ao hotel que mais à mão lhe ficasse. O convite não era mau; tinha só o inconveniente de vir de um desconhecido. Antes de lhe responder, o rapaz sem guarda-chuva deitou um rápido olhar ao seu companheiro, espécie de exame prévio da condição social da pessoa. Parece que a achou boa, porque aceitou o convite.

— É levar muito longe a sua bondade, disse ele, mas eu não posso deixar de abusar dela; a noite está inclemente.

---

4 **caleça:** um tipo de carruagem de quatro rodas e dois assentos, puxada por dois cavalos. (N.E.)